

Gaza: Entre a Brutalidade de Israel e o Cinismo do Hamas

Por Francisco Gonçalves



“Gaza não é apenas palco de destruição — é o espelho trágico da hipocrisia global. Enquanto o mundo grita ‘genocídio’ contra Israel, cala-se perante o fanatismo do Hamas, que sacrifica o seu próprio povo em nome de uma guerra que nunca quis vencer, apenas perpetuar.

Não é só Israel que deve ser pressionado. É o Hamas que precisa de ser derrotado — não por Israel, mas pelo próprio povo palestino que merece viver em paz, livre de tiranos armados.”

Vivemos tempos em que a palavra “genocídio” é lançada como uma pedra fácil, apontada exclusivamente a Israel, sem hesitação, sem nuance, sem o mínimo de rigor. As redes sociais fervilham de indignação seletiva. As manifestações multiplicam-se. E as manchetes gritam:

"Genocídio em Gaza!"

Mas deixem-me dizer-vos, com a serenidade de quem procura a verdade para além das bandeiras:

o sofrimento do povo palestino é real, mas o verdadeiro carrasco não se esconde apenas do lado israelita.



O duplo cativeiro de Gaza

Gaza é uma prisão. Mas não é Israel o único carcereiro.

O povo de Gaza está refém de duas forças opressoras:

1. Israel, com o seu bloqueio, os bombardeamentos desproporcionais, a destruição sistemática de infraestruturas, e o desprezo por vidas civis numa lógica de punição coletiva.
2. O Hamas, uma organização islamista que governa com mão de ferro, reprime opositores, proíbe liberdade de expressão e, pior que tudo, usa o seu próprio povo como escudo e arma de propaganda.



O ataque de 7 de outubro: o início do ciclo atual

O Hamas atacou civis israelitas de forma bárbara, sabendo perfeitamente qual seria a reação.

Sabia que Israel responderia com fúria, com força, com destruição.

E ainda assim, avançou. Porque para o Hamas, a dor do seu povo é moeda de troca política. Cada criança morta é mais uma imagem de impacto, mais uma condenação internacional contra Israel.

Eles apostam no martírio como estratégia. Não querem coexistir — querem eliminar.



E Israel? Exagera? Sim.

Israel tem o direito de se defender. Mas esse direito tem limites morais.

Bombardear bairros inteiros para atingir um combatente é inaceitável.

Punir milhões por causa de mil é monstruoso.

Mas não é genocídio.

É guerra suja, é brutalidade, é desproporção —

mas não há provas de uma política sistemática de extermínio do povo palestino.




Onde deve estar a pressão?

Aqui está o ponto que tantos recusam ver:

- Israel deve ser pressionado a respeitar o direito internacional.
- Mas a comunidade internacional tem de pressionar, sim, o Hamas.
- Tem de exigir a sua remoção.
- Tem de apoiar uma liderança palestina legítima, democrática, e com vontade real de paz.

Porque enquanto o Hamas estiver no poder, Gaza será sempre campo de batalha.
E o povo palestino, um povo sacrificado em nome de uma guerra que não pode vencer.

 Onde estão os países árabes?

Os irmãos árabes, que tanto dizem amar os palestinos, nada fazem.
Não acolhem refugiados.
Não pressionam o Hamas.
Não propõem soluções credíveis.

Hipocrisia pura. Palavras sem ação. Gritos sem eco.

 A coragem de romper com a simplificação

Quem quer a paz, tem de ter a coragem de dizer:
o Hamas é um dos principais obstáculos à liberdade palestina.
Israel é brutal, sim. Mas o Hamas é cínico, fanático e suicida —
e não representa o futuro do povo que diz proteger.